



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Sala Paulo VI

Quarta-feira, 8 de agosto de 2018 [\[Multimídia\]](#)

Catequese sobre os Mandamentos - 5

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje continuemos a meditar sobre o Decálogo, aprofundando o tema da *idolatria*, acerca da qual falamos na semana passada. Agora retomemos o tema, porque é muito importante conhecê-lo. E inspiremo-nos precisamente no ídolo por excelência, o bezerro de ouro, do qual fala o Livro do Êxodo (32, 1-8), acabamos de ouvir um trecho dele. Este episódio tem um contexto específico: o deserto, onde o povo está à espera de Moisés, que subiu ao monte para receber as instruções de Deus.

O que é *o deserto*? É um lugar onde reinam a precariedade e a insegurança — no deserto não há nada — onde faltam água, alimento, abrigo. O deserto é uma imagem da vida humana, cuja condição é incerta e não possui garantias invioláveis. Esta insegurança gera no homem ansiedades primárias, que Jesus menciona no Evangelho: «Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos?» (Mt 6, 31). São as ansiedades primárias. E o deserto provoca tais ansiedades.

E naquele deserto acontece algo que desencadeia a idolatria. «Moisés tardava a descer da montanha» (Êx 32, 1). Permaneceu ali quarenta dias e o povo perdeu a paciência. Falta o ponto de referência que era Moisés: o líder, o chefe, o guia tranquilizador, e isto torna-se insustentável. Então, o povo pede um deus visível — esta é a armadilha na qual o povo cai — para poder identificar-se e orientar-se. E dizem a Araão: «Faz-nos um deus que marche à nossa frente!», «Faz-nos um chefe, um líder!». Para evitar a precariedade — a precariedade é o deserto — a natureza humana procura uma religião “descartável”: se Deus não se deixa ver, fazemos para nós um deus sob medida. «Diante do ídolo, não corremos o risco de uma possível chamada que nos faça sair das próprias seguranças, porque os ídolos “têm boca, mas não falam” (Sl 115, 5). Compreendemos assim que o ídolo é um pretexto para se colocar a si mesmo no centro da

realidade, na adoração da obra das próprias mãos» (Enc. *Lumen fidei*, 13).

Araão não sabe opor-se ao pedido do povo e cria um *bezerro de ouro*. No próximo Oriente antigo o bezerro tinha um sentido duplo: por um lado, representava fecundidade e abundância e por outro, energia e força. Mas antes de tudo é de ouro, por isso é símbolo de riqueza, sucesso, poder e dinheiro. São estes os grandes ídolos: sucesso, poder e dinheiro. São as tentações de sempre! Eis o que é o bezerro de ouro: o símbolo de todos os desejos que dão a ilusão da liberdade e, ao contrário, escravizam, porque o ídolo escraviza sempre. Há o fascínio, e tu deixas-te levar. Aquele fascínio da serpente, que fita o passarinho, o passarinho não consegue mover-se e a serpente apanha-o. Araão não soube opor-se.

Mas tudo nasce da incapacidade de confiar sobretudo em Deus, de voltar a colocar as nossas seguranças n'Ele, de deixar que Ele confira verdadeira profundidade aos desejos do nosso coração. Isto permite sustentar até a debilidade, a incerteza e a precariedade. A referência a Deus fortalece-nos na debilidade, na incerteza e até na precariedade. Sem primado de Deus caímos facilmente na idolatria e contentamo-nos com garantias míseras. Mas esta é uma tentação que nós lemos sempre na Bíblia. E pensai bem nisto: para Deus, não foi muito difícil libertar o povo do Egito; fê-lo com sinais de poder, de amor. Mas a grande obra de Deus foi tirar o Egito do coração do povo, ou seja, tirar a idolatria do coração do povo. E Deus ainda continua a agir para a tirar dos nossos corações. Esta é a grande obra de Deus: tirar “aquele Egito” que nós temos dentro, que é o fascínio da idolatria.

Quando se acolhe o Deus de Jesus Cristo, que de rico se fez pobre por nós (cf. *2 Cor* 8, 9), descobre-se então que reconhecer a própria fraqueza não é a desgraça da vida humana, mas a condição para se abrir Àquele que é verdadeiramente forte. Assim, a salvação de Deus entra pela porta da debilidade (cf. *2 Cor* 12, 10); é em virtude da própria insuficiência que o homem se abre à paternidade de Deus. A *liberdade* do homem nasce do deixar que o verdadeiro Deus seja o único Senhor. E isto permite *aceitar a própria fragilidade e rejeitar os ídolos do nosso coração*.

Nós, cristãos, dirigimos o olhar para *Cristo Crucificado* (cf. *Jo* 19, 37), que é frágil, desprezado e despojado de qualquer posse. Mas é n'Ele que se revela o rosto do Deus verdadeiro, a glória do amor, e não a do engano cintilante. Isaías diz: «Fomos curados graças às suas chagas» (53, 5). Fomos sarados precisamente pela fraqueza de um homem que era Deus, pelas suas feridas. E a partir das nossas debilidades podemos abrir-nos à salvação de Deus. A nossa cura vem d'Aquele que se fez pobre, que aceitou a falência, que assumiu até ao fundo a nossa precariedade para a encher de amor e de força. Ele vem para nos revelar a paternidade de Deus; em Cristo a nossa fragilidade já não é uma maldição, mas um lugar de encontro com o Pai e nascente de uma nova força do alto.

Queridos peregrinos de língua portuguesa: uma saudação cordial a todos, particularmente aos grupos vindos de Portugal e do Brasil. Faço votos de que esta peregrinação a Roma vos confirme no propósito de seguir o Senhor com coragem, levando a todos o testemunho luminoso do seu amor. Deus vos abençoe!

Dirijo um pensamento particular aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebra-se a memória litúrgica de São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Pregadores. O seu exemplo de fiel servidor de Cristo e da sua Igreja seja encorajamento e estímulo para todos nós. Especiais felicitações a quem tem este nome. E amanhã, na Europa, celebra-se a festa de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). Mártir, mulher de coerência, mulher que procura Deus com honestidade e amor, mártir do seu povo judeu e cristão. Que do céu ela, Padroeira da Europa, interceda e ampare a Europa. Deus abençoe todos vós!